

SESSÕES DO PLENÁRIO

49ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 21 de outubro de 2016

PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELINO GALO (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Declaro aberta a presente sessão especial, convocada para a outorga do Título de Cidadã Baiana à professora Guiomar Inez Germani, proposta pelo deputado Marcelino Galo.

Convido para compor a Mesa a Srª Secretária de Promoção da Igualdade Racial, Fábiana Reis, neste ato representando o governador do Estado, Rui Costa; o Magnífico Reitor da Universidade Federal da Bahia, professor João Carlos Salles; o assessor especial da Secretaria de Desenvolvimento Rural, Sr. Matheus Martins; a dirigente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, Srª Elizabeth Rocha de Souza, Beth; a coordenadora do Movimento de Trabalhadores Assentados, Acampados e Quilombolas do Estado da Bahia, Srª Marivânia de Jesus; o membro da Coordenação Regional dos Quilombolas, Sr. Simplício Arcanjo Rodrigues; o coordenador da Comissão Pastoral da Terra, frei Luciano Bernardes; a coordenadora da Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais, AATR, Srª Tatiana Emília Gomes; o membro do Conselho Pastoral dos Pescadores, conselheiro José Piedade Campos; a liderança do Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais, Srª Marizélia Lopes; o estudante indígena da Coroa Vermelha, Sr. Taquari Pataxó. (Palmas)

Composta esta Mesa, convido a Srª Elenice, do MPP, Vera Lúcia Barbosa, do MST; e Neto, do Ceta, para conduzirem a nossa grande homenagem desta sessão, professora Guiomar Germani. (Palmas)

(A Srª Guiomar Inez Germani adentra o Plenário conduzida pela comissão designada.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Convido a todos para o ouvirmos a execução do Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.) (Apresentação Musical.) (Apresentação artística.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Convido para também fazer parte da Mesa o grande lutador do povo brasileiro Valdevino, o qual representa o Movimento da Central dos Fundos e Fecho de Pasto. (Palmas) Convido, também, para fazer parte da Mesa a grande deputada Fátima Nunes. (Palmas)

Neste momento, convido a deputada Fátima Nunes para presidir a sessão enquanto faço a minha homenagem à grande professora.

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Bom-dia a todos e a todas!

Concedo a palavra ao deputado Marcelino Galo, proponente desta sessão.

O Sr. MARCELINO GALO:- Bom-dia a todos e a todas!

Na verdade, seria dispensável um discurso em homenagem à professora, o que foi feito aqui, por si só, mais a presença desse universo tão diversificado, das mais diversas representações da luta do povo baiano, já seria o suficiente.

Mas queria registrar e agradecer a presença nessa Mesa da professora Guiomar Germani; da Sr^a Fabya Reis, Secretária de Promoção da Igualdade Racial, também oriunda desses movimentos, uma vitória não só pela ocupação da luta pela terra, mas também da educação e da ocupação de espaços importantes de direção no nosso Estado; do assessor especial Matteus Martins, da SDR; de Beth, dirigente do MST – e aqui o cerimonial coloca diretora, muita formalidade; da Marivânia, do Ceta, esse movimento importantíssimo da luta do povo do campo; Simplício, há muito tempo não o via, mas é um dos precursores dessa luta no nosso Estado, lá do Rio das Rãs, está ali bem jovem e muito bem preparado para essa nova etapa de luta que precisaremos ter.

Quero também registrar a presença de um grande, seria o precursor de tudo isso, porque contribuiu e muito para a criação de quase todos esses movimentos, que é o Frei Luciano, da nossa grande CPT. (Palmas) Registrar a presença de Tatiana Emília, da AATR, que tem um papel importante de assessoria na garantia dos direitos dos trabalhadores, muito obrigado por estar aqui presente; José Piedade Campos, que é da pastoral dos pescadores; Marizélia Lopes, da CPP, uma grande militante; Taquari, índio, pescador, sem-terra; Valdivino, muito obrigado, foi convocado especialmente depois da Mesa já composta, e a deputada Fátima Nunes, guerreira, mulher, de uma disposição de luta muito importante.

Hoje, estamos aqui homenageando essa grande professora. Vivi um período de minha vida no exercício político, no exercício profissional e tive a oportunidade de conviver diretamente com a professora. Então eu sei do seu compromisso, da sua dignidade no exercício acadêmico de fazer com que a universidade se voltasse para o seu real papel de servir ao seu povo, de que do conhecimento produzido ali não saísse só mão de obra para servir ao sistema, mas, sim, intelectuais com capacidade de entender a realidade e, sobretudo, de transformar essa realidade.

Saúdo, agora, o grande reitor João Carlos Salles que está ali ao lado da nossa professora e que faz parte dessa melhor cepa que temos, hoje, na universidade.

Essa homenagem já havia sido decidida. Ela achou que já era suficiente, porque nós fizemos uma sessão em homenagem ao Dia Mundial da Reforma Agrária e ela pensou que era aquilo. Eu disse, não professora, nós precisamos aprovar esse título oficialmente, todos os deputados precisam votar e aí faremos a homenagem. Porque a homenagem não é só à professora, é também ao grupo Geografar. E hoje chegou essa oportunidade nesse dia.

E eu conversava com o Frei Luciano e ele dizia: “A vida está muito dura, mas hoje é um dia de alegria.” E a alegria nos energiza. Nós precisamos dessa energia para celebrar os nossos lutadores, aqueles que cumprem o seu papel e precisamos fazer isso. E vamos fazer isso com muita alegria porque nesse momento há um número inestimável de universidades que estão ocupadas, professores e estudantes fazendo luta; são os IFs que estão ocupados fazendo luta; e são os estudantes do ensino Médio que lutam contra a PEC assassina que vai trazer a morte, a desesperança e a falta de futuro para esse povo, lutam contra a reforma do ensino medíocre que tira a Filosofia, a Sociologia, que limita as artes e tira a Educação Física.

O que querem esses impostores que ocuparam o poder nesse momento? Máquinas, robôs, vão voltar a ser uma colônia americana? O nosso destino é ser quintal dos Estados Unidos? Escravos do neoliberalismo? Não vamos aceitar.

E essa homenagem, professora, é um dia também de luta, porque precisamos reagir, a sociedade brasileira precisa reagir. Não vamos voltar à crise mais séria que viveu este País que foi em 1964 com a ditadura militar, agora com a ditadura mais descarada, porque feita por burocratas privilegiados, treinados pela CIA para criminalizar, para perseguir o povo organizado, os móveis sociais. E isso não é apenas para tirar o poder do PT ou de Dilma, mas para tirar direitos conquistados pelo povo brasileiro, para destruir o estado de bem-estar social, restrito ainda em construção, acabar o ensino público, acabar a saúde pública, privatizar esses serviços, porque com o que vem na PEC 241, se for aprovada como tal, ela vai trazer essas possibilidades. E aí logo, logo vem o discurso da justificativa da privatização do ensino, e principalmente o Ensino Superior.

Então, professora, esse é o quadro, o cenário que se apresenta neste momento da sua homenagem. Mas a senhora deu essa longa contribuição aqui ao Estado da Bahia, ali no seu gabinete socado de livros. E nele estava o resultado do pensamento, a produção, o compromisso intelectual de uma professora com o seu povo, com os trabalhadores rurais.

Era ali que a gente recorria para obter informações necessárias à nossa atuação, era ali que a gente discutia e era ali também que ela agia como professora e puxava as nossas orelhas. Porque, igualmente nas nossas formulações aqui nesta Casa, projetos votados, eu fui intimado pela professora: “Você não vai votar nisso”. E eu atendi a professora. Não poderia atender.

E aqui também está e quero citar a juventude que ela incutiu, que adora essa professora. Todo estudante tem uma professora ou um professor que foi uma referência para a vida, porque isso se transformou numa possibilidade de abrir os caminhos. A partir do momento que a gente conviveu com aquela professora ou aquele professor, aquilo nos ajudou a seguir um caminho na vida.

Então, nesse interregno de democracia esses estudantes cotistas, negros e pobres tiveram a oportunidade de ocupar as universidades. Aí, elas mudaram de cor, mudaram de perfil. Tivemos essa oportunidade.

Estive outro dia na UFRB, onde nós fomos ser paraninfos de uma turma. Estava lá toda a área de Ciências Agrárias. Eu disse aos estudantes: “Aqui é um dos

‘crimes’ que Luiz Inácio Lula da Silva cometeu.” Ali estivemos. Estudei Agronomia na velha escola que formava uma turma de 80 estudantes. Eram 78 homens e duas mulheres.

Naquele mesmo local, depois - eu era presidente do Partido dos Trabalhadores -, em 2005, estive com Lula quando ele lançou a pedra fundamental de construção daquela universidade. E nela, hoje, são 10 mil estudantes filhos do povo! (Palmas) A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia é a cara do Recôncavo baiano, talvez a universidade mais inclusiva que temos no Brasil. Portanto, ali foi o maior ‘crime’ de Luiz Inácio Lula da Silva! Não foi o que se fala da possibilidade de ter o triplex.

Então, para a gente não ter ilusão, esse governo de usurpadores, corruptos e ladrões do povo brasileiro está aí agora para massacrar direitos! Direitos! E é isso que nós temos de combater.

E obrigado, professora Germani, por nos dar essa oportunidade.

Aqui tenho a obrigação de ler este currículo extraordinário dela para justificar o nosso protocolo.

(Lê) “A professora Guiomar Inez Germani nasceu em Caçador (Santa Catarina) e graduou-se em Administração pela Faculdade Estadual de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Maringá, em dezembro de 1975.

Funcionária do Banco do Brasil à época (1969 a 1978)...” - ninguém espera isso, não é? -, “ (...) Guiomar conciliava os estudos e o trabalho para poder se formar. No seu último ano no curso de Administração, por conta da obrigatoriedade da realização de estágio e monografia, escolheu fazê-los em uma cooperativa agrícola, a Cooperativa de Cafeicultores de Maringá (COCAMAR). Ao mesmo tempo, por conta de suas atividades no Banco do Brasil, pôde perceber que só tinha acesso ao crédito quem tinha a propriedade registrada.” Felizmente, professora, a senhora compreendeu.

(Lê) “Eis aí como a administradora foi tendo contato com a Geografia Agrária, área em que se destacou e cuja contribuição dada a transformou em uma vívida referência na Bahia e no Brasil.

Guiomar Germani possui especialização em ‘Problemas de Desenvolvimento Econômico e Social’ (PUC/RS-1982), é Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em ‘*Urbanismo y Ordenación del Territorio*’ pelo Departamento de Geografia de *la Universidad de Cantábria*, Santander (Espanha/1988-1989), e Doutora em ‘*Pensamento Geográfico y Ordenación del Territorio*’ pela Universidade de Barcelona (1993).

A professora Guiomar Germani trabalhou na Companhia de Desenvolvimento do Vale do Paraguaçu (DESENVALE)...” - já extinta - (Lê) (...) “e na Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), consolidando a sua opção pela Geografia Agrária.”

Inclusive aqui temos vários companheiros da CAR também homenageando a senhora.

(Lê) “Desde 1995 é professora concursada da Universidade Federal da Bahia (UFBA), lotada no Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, além de ser professora permanente do Mestrado do mesmo Instituto desde 1996.

Com um vasto currículo acadêmico e inúmeras obras publicadas, a professora Guiomar Germani é uma estudiosa da questão agrária, sobretudo dos assentamentos de população na área rural. Entretanto, Guiomar também é uma militante política que defende a reforma agrária e o povo do campo.

Urge ressaltar o seu trabalho desenvolvido à frente do Projeto Integrado de Pesquisa ‘A Geografia dos Assentamentos na Área Rural’ (Projeto GeografAR), que vem, desde 1996, desenvolvendo as suas pesquisas apoiado pelo CNPq e tendo como proposta ‘analisar o processo de (re) produção do espaço geográfico no campo baiano, em suas distintas temporalidades, espacialidades e territorialidades.’ ”

Sobre esta opção, a nossa homenageada revelou: *‘Como eu trabalho buscando entender a geografia dos assentamentos da área rural, costumo dizer que o desafio da população assentada, o desafio de um grupo social que chega à terra, independente da situação que chegou, é o desafio de manter na terra, de garantir a sua reprodução de plantar e de se apropriar dos frutos de seu trabalho. É um desafio que está colocado para aquele grupo social e, também, para toda a sociedade. E nós temos a obrigação de ajudar a enfrentar esse desafio, de ter posição e compromissos com estas questões como cidadão em uma sociedade’*, ensina a professora Guiomar Germani. Obrigado, professora.

Em tempos de retomada da ofensiva neoliberal, em tempos de desmonte do Estado brasileiro, em tempos de golpe contra a democracia e de ataque sistemático aos direitos individuais, coletivos, sociais, trabalhistas, políticos e civis, precisamos, mais do que nunca, reconhecer quem, de fato, possui o compromisso com os mais pobres, como vimos aqui, o compromisso com a humanidade e com a dignidade da pessoa humana. É preciso reconhecer nossos aliados na luta contra nossos inimigos.”

Obrigado, professora, hoje, baiana, pela sua bela trajetória.

Viva a democracia! (Palmas)

Viva a professora Guiomar Inez Germani! (Muitas palmas)

(As galerias manifestam-se.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Assistiremos ao vídeo Geografar.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Dando seguimento, vejo ser impossível fazer uma homenagem como esta sem quebrar o protocolo, pois, segundo esse, só estão previstas as falas do proponente e da homenageada. Mas vamos precisar ouvir dois segmentos fundamentais com competência suficiente para fazer a interligação do movimento social com a universidade.

Então, gostaríamos de ouvir, agora, o reitor João Carlos Sales e, logo após, Simplicio, grande lutador e precursor das lutas dos quilombolas de nosso Estado.

O Sr. JOÃO CARLOS SALES:- Deputado Marcelino, ao cumprimentá-lo, eu o faço ressaltando o que há de mais belo e forte da nossa representação política. Exteriorizo o apreço pessoal por esta iniciativa. Envio um abraço a cada um dos presentes.

Guiomar, é tão difícil, para mim, pronunciar o nome de Guiomar, pois este é o nome de minha mãe de criação e, aí, eu, sempre, fico abalado quando pronuncio o nome Guiomar. Eu quero dizer que cito, com muito gosto, o nome de Guiomar por várias razões.

Bem, todos percebem que Guiomar é capaz de quebrar fronteiras, não é? Ela veio do Rio Grande Sul, Santa Catarina, Paraná até chegar ao seu destino natural que só pode ser a Bahia. Não é? Essas são as fronteiras terrestres.

E há as fronteiras entre as disciplinas. Vejo, aqui, amigos das áreas de engenharia, administração, arquitetura, economia, geociências, biologia. Isso é natural. Só posso dizer isso com encantamento. Quanto à arquitetura, então, há Pastor ali presente. Há pessoas de várias áreas como os representantes da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. São pessoas de São Lázaro. Esta é a primeira quebra de fronteiras. Não é? Mas esta quebra de fronteiras, além de fundamental, foi aceita na universidade.

Quando nós falamos Universidade Federal da Bahia pensamos em quê?

Este pensamento pode ser qualquer coisa. Ela pode ser, somente, uma instituição que forma a elite. Ela pode ser uma instituição que, ao contrário, se abre ao mundo para depreender não apenas pesquisa, mas ela escuta, acolhe, abre seus espaços e sente-se ocupada.

Nesse sentido, eu acho que você, Guiomar, é o exemplo de uma universidade.

É esta universidade que nós estamos escolhendo, a cada dia, construir. Eu fico muito orgulhoso de ter feito, por exemplo, parte disso como esta luta para estar neste lugar com o apoio de amigos como Marcelino, Herzem e tantas outras pessoas presentes. Eu fico muito orgulho em fazer um discurso enorme, Moraes, para honrar este lugar especial que a universidade significa, ou seja, o lugar capaz de se enriquecer com o nosso povo, de se abrir e de reforçar, através de seus traços, o acolhimento e a inclusão fundamentais.

No momento em que nós temos algumas dificuldades enormes e somos chamados a lutar, eu fico a pensar nesses exemplos. Ontem, a Universidade Federal da Bahia abriu o seu auditório para 10 horas de trabalho, a fim de discutir a medida provisória, em tramitação no Congresso, que reestrutura, tão selvagememente, o ensino médio. E nós nos posicionamos e discutimos, com muito cuidado, este tipo de situação. A Universidade Federal da Bahia deixa aberto o seu espaço para as várias manifestações com o intuito de denunciar violências e combater discriminações.

De antemão, estão todos convidados para, no próximo 31 de outubro, participar de um debate, proposto pela Reitoria da Universidade Federal da Bahia, sobre e, evidentemente, contra a PEC nº 241.

Eu vejo, Guiomar, que, com as suas mãos, há os movimentos quilombolas e os movimentos indígenas presentes na vida da universidade, pois ela é capaz de dizer que vocês estão em casa e a universidade é a casa de todos.

Para vocês, quero registrar que, dentre todos esses atos, no momento em que nós podemos listar, a cada dia, restrições de direitos em nosso País, a universidade só pode cumprir com a sua obrigação se ela aprofunda direitos.

Então a Reitoria criou uma comissão para discutir, traçar medidas e mediar implementações de ações afirmativas na pós-graduação. (Palmas) Isso é o gesto que recupera a essência que a universidade, talvez, não tenha sonhado em ter. Por outro lado, recupera-se, também, a essência que a universidade tinha como, por exemplo, o Centro de Estudos Afro Orientais que está, praticamente, ameaçado de extinção por medidas danosas. Traçamos um pacote ou um conjunto de atividades de medidas que englobam edital de pesquisa, bolsas, estágios, funcionários, recuperação do prédio.

Ou seja, não é possível que um lugar como a Bahia não possa se relacionar especialmente com as comunidades afrodescendentes, com as comunidades tradicionais, e é isso que fazemos ao cumprir essa missão.

Toda vez que tenho uma notícia como essa, Guiomar, eu lembro de pessoas como você, que não é apenas uma professora. Pela sua dedicação, pela sua integração, pelo seu contínuo trabalho na universidade, você é para nós um exemplo.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço ao magnífico reitor João Carlos.

Antes de passar a palavra ao nosso companheiro Simplício, gostaria de registrar algumas presenças, para que a professora tome conhecimento: ex-deputado Yulo Oiticica; ex-deputado federal, também suplente, Amauri Teixeira; Vera Lúcia Barbosa, ex-secretária e dirigente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra; Edgar Porto, diretor de Estudo do SEI; Clóvis dos Santos Araújo, da Comissão de Conflitos Agrários – OAB e também professor da UNEB; Tiago Rodrigues, professor da Universidade Federal do Oeste da Bahia; Dolores Bastos, coordenadora do curso de Geografia, de Jacobina; professor Zelito Ribeiro, presidente da associação Projeto Brasil Quilombola Praia do Forte; Miguel da Costa, Accioly, vice-diretor do Instituto de Biologia da UFBa e Projeto Marsal; Ana Maria Batista, diretora de Planejamento do Irdeb; Elen Coutinho, presença já registrada; Genivaldo de Alexandria Batista, presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Bahia; Maria Auxiliadora Mascarenhas, Instituto do Viva Infância; Antônio Prudente Torres, professor e vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia; Cristóvão Brito, chefe do departamento de Geografia da UFBa; Jacy de Magalhães,

Comissão de Moradores do Alto de São Gonçalo; Ananias Viana, do Conselho Quilombola da Bacia do Vale do Iguape, município de Cachoeira, Quilombo Kaonbe; Nair Prazeres, diretora-geral da Setre; Olívia Oliveira, diretora do Instituto de Geociências da UFBA; Carlos Eduardo Lemos Chaves, coordenador geral da Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais, ATR; Maria Auxiliadora da Silva, da Universidade Federal da Bahia.

Agora, com a palavra, meu companheiro Simplício, que terá o privilégio de representar todos os movimentos.

O Sr. SIMPLÍCIO ARCANJO RODRIGUES:- Bom-dia a todos e todas.

Meu nome é Simplício Arcanjo Rodrigues, sou do Quilombo Rio das Rãs, município de Bom Jesus da Lapa, a mais de 800 quilômetros.

Estou aqui para homenagear essa grande professora, de quem o pessoal já falou. Diante do que já foi dito, não tenho mais nada a dizer. A professora Guiomar não é só uma professora da teoria, mas também da prática. Se não fosse isso, não estaríamos aqui, agora. Ela nos ensinou a andar com os próprios pés, nesse trabalho, junto com alguns alunos.

Quero homenagear algumas pessoas, falar do nome de Tiago, da Universidade Baiana, na nossa região, que está lá continuando esta semente que a professora Guiomar plantou. E também quero fazer uma cobrança a Denildo, que esteve conosco: vá para lá fazer esse trabalho que Tiago está fazendo.

Então, gente, em nome dos movimentos sociais, como já foi dito, quero fazer esta homenagem e dizer que precisamos continuar. E também dizer que é mais uma vitória para nós termos uma pessoa como a professora Guiomar, que veio da região Sul e agora é baiana como nós.

Sei que o tempo aqui é curto, mas quero agradecer a todas as pessoas que estão aqui para homenageá-la, principalmente o pessoal dos movimentos como CETA, MST, Quilombola, o pessoal do Fundo e Fecho de Pasto, etc., e aqueles outros que agora não vieram a minha memória. Que todos se sintam em casa e representados.

Sei que o tempo não permite, mas desde já dou meu muito obrigado e fico muito honrado por ser convidado para representar vocês aqui.

Obrigado, gente. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Obrigado, Simplício.

Em 2003, o presidente Lula regulamentou, através de decreto, os procedimentos para se realizar a demarcação e o reconhecimento dos quilombos. Eu era superintendente do INCRA aqui na Bahia e, na verdade, veio um decreto muito aberto, que não balizava os caminhos que teríamos de seguir. E uma das pessoas a quem recorremos foi justamente a professora Guiomar. E ela e a professora Gilca fizeram o primeiro relatório; foram as únicas que entregaram o relatório.

Então, quero registrar esse importante trabalho, que serviu para a gente, hoje, ter todos esses procedimentos estabelecidos, que agora estão ameaçados, pois foram transferidos para o MEC, Ministério da Educação, que não tem nada a ver com demarcação de terra. Eles não conhecem nada; deveriam fazer o que têm de fazer, que é a parte de educação.

Pois bem, essa parte que envolve antropologia, topografia, etc., também ficou com a professora Guiomar. E meu muito obrigado, também, a essa senhora de cabelos prateados, a nossa querida Gilca.

Registro as presenças da coordenadora da turma de Direito do Pronera-Uneb – também ameaçado de ser extinto –, a professora Stella Rodrigues, e de Adenilsa, do MST. (Palmas)

Agora eu gostaria de convidar o Sr. Luís Antônio de Sousa, companheiro da professora, para ele vir até aqui, junto com Maria Eneida, para que possamos fazer a entrega deste Título de Cidadão.

Vou chamar todos os movimentos sociais para cada um botar o dedinho aqui.

(Entrega do Título de Cidadão Baiano à homenageada.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agora, vamos ter a satisfação e a alegria/ de ouvir a nossa homenageada Guiomar Inez Germani.

A Sr^a GUIOMAR INEZ GERMANI:- Marcelino, além de proponente desse título, você também está testando o meu coração. Muito obrigada, combatente, querido e estimado Marcelino por mais esta emoção. Muito obrigada a todos os componentes da Mesa, quero, ao invés de citar cada um, dizer que aquele gesto de vocês terem tocado na placa é esse o sentido mesmo deste momento.

Lógico, estou sendo homenageada com essa honraria, mas essa honraria só recebo por causa de vocês. Só recebo porque a gente conseguiu construir uma relação forte, bonita, sincera, baseada no respeito e no compromisso.

É muito importante tê-los aqui nessa Mesa, porque sei que vocês não estão somente decorando para sair na foto. Mas ao estar aqui e receber esse título, é a luta que vocês estão travando, cada um nas suas bases, que é homenageada e fortalecida. O meu título só existe porque vocês estão na luta; uma luta que vocês permitem também que a gente entre junto com o Grupo de Pesquisa Geografar e com a nossa universidade.

Cada um numa função, cada um em sua trincheira, somos professores, estudantes de uma universidade pública. Nós não somos quilombolas, nós não somos indígenas, nós não somos sem-terra; a nossa função dentro dessa luta é diferente de quem está na frente. Mas na trincheira da universidade é isso que tentamos também trabalhar.

Como digo, é na nossa universidade que formam os profissionais, formam os advogados, formam os juízes, formam as sentenças para segurar Babau preso até agora, para criminalizar os movimentos sociais. Então, é também na universidade que a gente tem o compromisso de formar profissionais preparados para entender essa

sociedade na qual a gente vive e com os movimentos sociais conseguir impor para essa sociedade uma outra forma de a gente aproveitar essa vida linda que a gente tem.

Digo isso para vocês porque muitas pessoas que estão aqui presentes são dos movimento sociais, mas também há muitos amigos, amigos particulares, amigos queridos que talvez não entendam essa minha trajetória dentro da universidade.

Então, fico muito contente em vê-los todos aqui, porque, enfim, é uma luta que toda a sociedade tem que se envolver.

Sempre digo que os movimentos sociais fazem uma luta impressionante. Não sei como eles dão conta de tanto, mas não é uma luta que eles têm que travar sozinhos. Não é uma luta deles, é uma luta nossa, de toda a sociedade.

Preparei, lógico, um discurso enorme, como professora. Marcelino já falou alguma coisa de mim, mas quero começar dizendo o seguinte:

(Lê) “A notícia de que eu receberia este título, dada naquela sessão de abril, quando Helen me procurou – cadê Helen? – para ver quando seria a sessão solene da entrega, eu falei: 'meu Deus, precisa isso?' E daí caiu a ficha que eu seria o foco de tantas atenções. Fiquei muito preocupada, eu não gosto muito disso, mas depois eu pensei que no momento em que estamos vivendo, é muito importante essa manifestação, é muito importante também a gente estar aqui para se abraçar, para manifestar e confirmar o nosso compromisso e ter forças para dar a volta por cima na rasteira que estão querendo dar na gente.

Fiquei pensando que não justificaria vir de tão longe – Simpício, 800 quilômetros; Valdivino; minha irmã e minha sobrinha, que vieram de surpresa ontem, meus primos, de Maringá –, mas fico muito contente de tê-los todos aqui. Quando a gente chegou – cheguei mais cedo –, só o fato de a gente se abraçar, foi dizendo que esse é o sentido e o significado deste ato proposto por Marcelino.

Recebi uma mensagem da professora Stela Rodrigues que sintetiza esse sentimento dizendo: 'O cotidiano precisa dessas alegrias para continuar com a luta que nos cabe travar.' A professora Stela está aí presente, não é? (Palmas) Não é isso, Stela? E é com esse sentido de alegria que agradeço a Marcelino a indicação do meu nome, aos deputados da Assembleia Legislativa da Bahia, que o aprovaram e a vocês por estarem aqui para referendar este título.

Muito obrigada por terem vindo, em especial aos que vieram de fora, mas, principalmente, muito obrigada pelo que cada um e cada uma representa para a minha vida nestas terras baianas.

Ser conduzida na entrada por Lucinha, por Léo e por Neto foi algo que me emocionou muito e me põe também uma enorme responsabilidade. A mística, tão carinhosamente preparada pela turma de direito – a turma Eugênio Lyra, curso do Pronera – acho que mostra muito bem a força, (palmas) a força – Rosalvo – não só de sua música e do violão, mas a força manifestada na mística: entraram com uma bandeira, uma cesta de alimentos, livros, flores e poesia. É isso que estão preparando nesses cursos construídos pelos movimentos sociais, transformados em política pública através do Pronera que, agora, ameaça ser extinto. Imagine a força de um

advogado, formado com esse currículo de vida e de bagagem! Não vai ter lei nem código nenhum que segure trabalhador nenhum preso. (Palmas)

Quando eu estava preparando este discurso, fiquei muito emocionada. Eu falei: 'meu Deus do Céu, como é que vou fazer?' Eu me perco, então, escrevi tudo. Não sei até onde vou chegar. Marcelino falou um pouco da minha vida, mas queria compartilhar, também, com vocês algumas passagens da minha vida para que a gente entendesse, até eu fui entendendo, porque vim parar aqui, porque segui essa trajetória e porque me sinto tão em casa aqui nesta Bahia. São momentos que a gente vai buscando, selecionei 3 momentos quando sinto que começaram a ser amarrados os laços, quando se construíram as raízes, que hoje sinto fincadas nesse solo baiano.

Peço licença para contar para vocês. O primeiro laço foi estabelecido em 1894, o navio Andrea Dórea, vindo da Itália, trazia o meu bisavô junto com o monumento ao 2 de Julho, que está hoje no Campo Grande. O mesmo navio que trazia o meu avô e outros tantos imigrantes, que tinham sido empurrados pela crise na Itália trouxe esse monumento. O meu avô não poderia desembarcar como imigrante, só poderia desembarcar em Santos, mas conseguiu e desembarcou aqui, se encanta com a cidade e revela essa cidade em seu diário, que Pedro depois aproveita em seu livro. Ele observa o desembarque desse monumento e anota na sua caderneta, que ele pesava 83,6 toneladas. O professor Thales de Azevedo me disse ser a única informação sobre a chegada desse monumento.

O meu bisavô nem imaginava que 88 anos depois, em 1982, sua bisneta estaria atracando o barco da sua vida por aqui, casada com um soteropolitano, e muito menos que 122 anos depois estaria aqui recebendo o Título de Cidadã Baiana. (Palmas)

E além de todo simbolismo que tem o monumento 2 de Julho, no Campo Grande é para mim, particularmente simbólico e remete à memória da minha família, é como se lá estivesse enterrado o meu umbigo.

Um segundo laço de minha vida com essas terras baianas se estabelece em meu nascimento. Fui fazer pesquisa, Marcelino. Tanto a família de meu pai como a família de minha mãe seguiram o fluxo migratório tradicional da segunda geração de imigrantes, e das serras gauchas vão para Santa Catarina onde se conheceram e se casaram. Depois do nascimento da minha irmã Eneida – que ontem quase me mata do coração ao chegar de surpresa – em 1950, podem fazer as contas, eu nasci em Caçador, Santa Catarina, no Vale do Rio do Peixe, palco das guerras do Contestado. Mas só vim a saber disso mais tarde, lá não se estudava isso na escola.

Naquela época, a faculdade de medicina da Bahia exportava médicos para a área de expansão de fronteira, e tanto em Santa Catarina como no Paraná chegavam os recém- formados médicos baianos. Pois, não foi um médico baiano, Dr. Campelo quem fez o parto da minha mãe quando eu nasci? Resultando – Marcelino – que a primeira pessoa que me ajudou a chegar nesse mundo e a primeira pessoa a me tocar nessa vida foi um baiano, haja laços.

Minha família continuou seguindo o fluxo migratório tradicional na história das populações deste nosso País, e de Santa Catarina vai para o norte do Paraná, Maringá

– uma nova cidade na área de expansão de fronteira – onde foram tantos nordestinos para trabalhar nas lavouras de café e lá, todos eram tratados como baianos.”

De São Paulo para cima, é tudo baiano.

(Lê) “Em Maringá, cresci (quase junto com a cidade) e me criei, e foi onde estudei e me formei politicamente e para a vida, junto com a geração de 1968...”

Passei toda minha adolescência e parte significativa de minha vida sob a ditadura militar... anos duros, onde todo cuidado era pouco, mas que a força da juventude e a ânsia por liberdade nos levava a ousar e ir para as ruas, e a enfrentar polícias e seus batalhões... a gritar contra o acordo Mec USaid, contra o AI-5, e mais tarde por Anistia ampla e irrestrita e por Diretas Já.”

É um pouco do que fazem os estudantes hoje, empurrando, acordando a gente, porque se a gente não ocupar as ruas, nós não vamos derrubar esse circo que estão armando para nós. (Palmas)

(Lê) “Sempre morei em núcleos urbanos, em áreas de expansão de fronteira agrícola, onde a relação campo cidade sempre foi muito forte no meu cotidiano, mas nunca estive diretamente vinculada às atividades do campo. Minha aproximação com o campo e com sujeitos do campo teve várias dimensões, momentos e intensidades.”

A primeira aproximação, Marcelino citou aqui, foi trabalhar no Banco do Brasil.

(Lê) “Uma aproximação foi ter trabalhado no Banco do Brasil em Cascavel (PR) onde ingressei aos 19 anos, no primeiro concurso em que este banco passou a admitir mulheres em seu quadro.”

Permaneci durante 8 anos no banco e considero que foi uma escola. Trabalhei em Cascavel, Maringá e em Porto Alegre. Em Cascavel, eu pude vivenciar o que foi o processo de modernização da agricultura, iniciado naquela época e que hoje se consolida no agronegócio, o qual os movimentos sociais, hoje, tanto enfrentam.

Trabalhei 8 anos, eu acompanhei, comecei por dentro da contradição e ação do processo de acumulação de capital no campo. Vi a derrubada das matas nativas, os rios, antes verdes, ficarem marrons, as levas de migrantes, trabalhadores rurais sem terra que iam amansando a terra à custa do nada, e depois de amansar as terras do Paraná saltavam a fronteira para o Paraguai.

(Lê) “Depois de trabalhar 8 anos e já formada em Administração de Empresas (pela Universidade Estadual de Maringá) pedi demissão do Banco do Brasil para continuar meus estudos e fazer o mestrado em Planejamento Urbano e Regional (PROPRUR) na UFRGS, em Porto Alegre (RS). Era final da década de 70. Efervescência política com as greves no ABC, Lula preso... participação enorme do movimento estudantil nas universidades e nas ruas e também um amplo e vigoroso debate acadêmico que começava a construir as brechas para a abertura política.

Mas foi ao desenvolver minha dissertação de mestrado, acompanhando o conflito estabelecido na construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e a constituição do 'Movimento Justiça e Terra', criado na resistência organizada pelos atingidos, que fui

definindo não só minha área de estudo, minha trajetória pessoal, mas também minha posição neste mundo.

Uma posição que vai se confirmar, mais tarde, na metodologia de trabalho acadêmico e político voltado para entender os conflitos sociais no campo e a organização das resistências e a identificar como estas resistências apontam para a construção do novo.”

Então, não é só cuidar dos coitadinhos do campo, dos pobrezinhos do campo, absolutamente, não. Como diz Milton Santos, é aí que está a riqueza, porque só eles trazem a semente do novo.

(Lê) “Fiz a dissertação em pleno regime militar, participando das trincheiras da resistência numa área de segurança nacional... um trabalho acadêmico bastante ousado para aqueles tempos.

Onde tive a oportunidade de me aproximar da ainda jovem (mas já vigorosa!) Comissão Pastoral da Terra - CPT (fundada em 1975, isso era 1979) e entender o papel dos mediadores e o compromisso da CPT com a formação de sujeitos políticos, e a importância do trabalho de base que nunca abandonou, tendo como orientação a Teologia da Libertação. Em minhas memórias, posso dizer que do movimento de resistência dos expropriados de Itaipu – Movimento Justiça e Terra –, vi nascer o embrião do que viria a se constituir pouco depois no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e os Movimentos dos Atingidos por Barragem (MAB).

Foi ao fazer o mestrado em Porto Alegre que se estabelece também o terceiro e definitivo laço com a Bahia.

Pois aconteceu que um arquiteto baiano, soteropolitano, saindo de Salvador, também vai para Porto Alegre, fazer o mesmo curso que eu... foi assim que Luiz Antônio apareceu, ou melhor, como bom baiano, estreou em minha vida! (Palmas) Pegou meu coração e trouxe-o para Bahia... fui obrigada a vir também... (não fica claro na história se ele foi me buscar ou se eu vim atrás dele...)

Mas é cristalino que eu vim para a Bahia por um gesto de amor... E aqui estou desde 1982... mais da metade de minha vida vivo aqui com meu companheiro, amigo, amado e amante Luiz Antônio.” (Palmas)

E para completar, como a minha área de estudo é a área rural, a dele é a área urbana. Então, a relação campo/cidade também nos complementa. (Risos)

(Lê) “No Sul, o fascínio pela Bahia é grande! Quando entrei na faculdade, meu presente foi uma viagem à Bahia!

E já tinha sido introduzida por Jorge Amado, Caetano, Gil, Novos Baianos... Glauber, Cinema Novo... embora só quando cheguei aqui que fui entender melhor do que falavam as letras das canções...

(quando Caetano Veloso cantava que o 'vapor de Cachoeira não navega mais no mar'... vocês não imaginam as interpretações que dávamos desse verso...) Gal e Betânia foram a minha redenção para deixar meus cabelos crespos soltos ao vento e não precisar mais alisar, fazer nero, como se diz aqui. E pude deixar meus cabelos soltos ao vento.

Mas também conhecia a história de Canudos... tinha acompanhado o drama da construção de Sobradinho... conhecia Alagados... sabia que nem tudo era alegria!

Mas vim muito feliz, apesar de deixar minha família lá.

Fui recebida pela família de meu marido, a minha família baiana que no cotidiano ia me ensinando as manhas e as manhãs... D. Lígia, minha sogra, entre tantas coisas, me ensinou segredos dos sabores... as rezas para Santo Antônio, a procissão da Conceição da Praia, a ceia na Sexta-feira Santa... Minha cunhada Márcia me levou ao Gantois, ainda com Mãe Menininha viva, já como parte da família, e agora também na roça de Alcides...

Foi também minha sogra quem enfeitou o primeiro balaio para a oferenda de Yemanjá, no dia 2 de fevereiro do Alto de São Gonçalo do Rio Vermelho, onde moro (função hoje assumida por Márcia) e que, junto com minhas vizinhas e vizinhos aqui presentes, no próximo 2 de fevereiro vamos completar 30 anos de oferenda e café da manhã na nossa Pracinha!"

Podemos convidar, Jaci, todo esse pessoal para ir lá, no nosso café da manhã? (Risos)

(Lê) "Fui acolhida também pelos amigos e amigas de Luiz Antônio, que foram me ensinando como levantar os cotovelos e ir abrindo caminho nesta Bahia... amizades que fazem a diferença dos lugares... e vão ampliando e firmando as raízes.

Mas foi através do trabalho que fui conhecendo e vendo que a Bahia é bem mais que Salvador... trabalhando na Desenvale me aproximei do Recôncavo baiano, acompanhando a construção da barragem de Pedra do Cavalo e na CAR fui adentrando ao sertão e acompanhando os primeiros projetos de Reforma Agrária (implantados pela CAR e INCRA)

Eu fui vendo que aquele caboclo, entronizado no alto do pedestal do monumento no Campo Grande, (que veio com meu bisavô e é tão simbólico para mim) que é homenageado por seus feitos e bravura nas lutas da independência do Brasil, não conseguia receber o mesmo respeito quando descia do pedestal, quando deixava de ser estátua para ser gente, quando buscava o direito de seu chão; o chão que ele havia ajudado a defender.

E foi desta consciência, construída na proximidade com a realidade, pisando o chão, que fui me aproximando desta Bahia que hoje me adota como cidadã.

Se o monumento ao 2 de Julho já era simbólico para mim, também adquiriam significado a luta das resistências cotidianas dos tantos 'caboclos' que fui conhecendo pelas minhas andanças pela Bahia.

Fui confirmando que cada família camponesa, cada comunidade quilombola, Simplício, de fecho e fundo de pasto, Valdivino; de pescadores artesanais, Nega; de indígenas, Taquari, só sobrevive pela força de sua resistência histórica e pelos saberes estratégicos que desenvolveram nas relações estabelecidas com a natureza e com seus pares.

O doutorado em Geografia, que fiz em Barcelona, foi uma oportunidade para refletir sobre esta realidade em especial dos assentamentos de reforma agrária, então

uma realidade nova, cujos desafios os movimentos sociais colocavam para o Estado e para a sociedade como parte do processo pedagógico político da construção da nossa democracia.

O doutorado me propiciou entrar na vida docente na UFBA, como professora do Departamento de Geografia e logo vinculada ao POSGEO. Desde o início sempre articulei as atividades de ensino, pesquisa e extensão, como partes do mesmo processo. E assim que assumi constitui o Grupo de Pesquisa GeografAR para prosseguir na linha de pesquisa iniciada no doutorado, com apoio do CNPq (que os golpistas também estão tentando desmontar).

Com o Grupo de Pesquisa GeografAR fomos construindo, coletivamente, uma metodologia que fosse capaz dar conta, de cumprir a função social de uma universidade pública, com compromisso e qualidade acadêmica e responsabilidade social.

Fomos ocupando os espaços acadêmicos, na contramão das hegemonias, produzindo nossa forma de entender a realidade que vivemos, conjugando o verbo geografar, fomos identificando e espacializando as forças sociais que marcam e constroem o território baiano, e buscando entender os nexos deste mundo 'confuso e confusamente percebido', como dizia Milton Santos.

Isto só foi possível por ter encontrado uma Universidade aberta que permite o debate universal das ideias, uma Universidade sem mordaca, uma conquista agora duramente ameaçada, mas que haveremos, professor João, de saber defender

A presença nesta solenidade de uma representação da UFBA, de minha instituição, é muito importante para mim e para todo o GeografAR.

Agradeço a presença de nosso Magnífico Reitor, Prof. João Carlos, não só por ter podido estar aqui conosco, dentro da sua agenda, mas por estar à frente da UFBA nas comemorações de seus 70 anos e que de forma firme e amadurecida (como se espera de uma instituição de 70 anos) abre as portas da universidade e nos anima a refletir e agir para entender estes tempos.

Agradeço a presença da diretora do IGEO, querida prof^a Olivia; da nossa sempre Diretora Prof^a Yeda, dos colegas de toda a UFBA, do Instituto de Geociências, e em especial do departamento de Geografia, do programa de pós-graduação em Geografia.

E eu agradeço aos colegas de Geografia por terem me aceitado, apesar de eu não ser uma geógrafa 'pura', não é Pedro? E também por não terem me dispensado quando me aposentei. Por permitirem que eu continue na ativa (mesmo que numa salinha pequena e cheia de livros) sou reconhecida por isto, e pelo respeito que têm ao nosso trabalho.

Mas no espaço da Universidade, esta trajetória de minha na vida acadêmica e do grupo de pesquisa GeografAR, e, a opção de trabalhar junto com os movimentos sociais do campo e suas organizações de apoio só foi possível por que o desejo foi, e é, e continua sendo construído de forma recíproca.

Esse talvez seja o diferencial, e não temos nenhum constrangimento em assumir que fazemos uma pesquisa participante ou bem mais, uma pesquisa militante.

Esses grupos sociais e suas organizações que estão aqui representados e todas as outras que não puderam vir, há muito deixaram de ser nossos objetos de pesquisa, como foi dito, para serem sujeitos coletivos envolvidos na construção de uma história diferente, de uma geografia diferente, e de uma sociedade diferente da qual também fazemos parte e, com funções diferentes, somos parceiros nesta construção.

Esta opção nos obriga a revermos, constantemente, as teorias e o pensamento colonizador que os identifica como atraso, e como empecilho ao modelo de desenvolvimento em curso que estabelece um desenvolvimento de mão única. Ao contrário, aprendemos com estes grupos a ver as possibilidades de outra forma de bem viver, onde as práticas coletivas fazem parte de seu cotidiano e isso num mundo que prima pelo individualismo e mediatizado pelo mercado. Isso soa como impossível e fora de moda, e a sensação que temos é de sempre andar contra a corrente.

Nossa opção obriga a alargarmos nosso horizonte teórico, e também a desenvolver práticas coletivas no fazer cotidiano.

Aproximações que foram tendo outro caráter pois não era uma ação individual minha, nem só do Grupo de Pesquisa GeografAR, mas fomos aprendendo a construir práticas coletivas na universidade, com outros grupos de pesquisa, com outras áreas de conhecimento, com pesquisadoras e pesquisadores identificados e comprometidos com a função e o papel de uma universidade pública, como também com organizações populares como a CPT, a ATR e a CPP, aqui representadas, e outras tantas.

Por isto a presença de vocês neste momento é muito importante para mim, para o GeografAR, e assumo dizer, professor João, para nossa Universidade.

Olhando cada uma de vocês, gostaria de me referir a cada um de vocês pessoalmente (mas isto obrigaria a Marcelino me cortar a palavra). E eu teria que pela primeira vez como baiana, rodar a baiana... Então, eu quero, além das representações que compõem a Mesa, os que estão aqui neste Plenário e os que foram citadas por Marcelino ao longo da sessão, quero que se sintam todos abraçados, como eu me sinto abraçada com a presença de vocês.

Por isso que meu agradecimento não só por este título que hoje recebo, mas por saber que foi por ter encontrado vocês nesta Bahia que recebo este título!

Pela relação de respeito e confiança que aprendemos a desenvolver, fundamental para dar sentido a minha vida e ao que faço como professora de uma Universidade Pública, e continuar, ao mesmo tempo, tendo a alegria de ser uma eterna aprendiz.

E repetir Paulo Freire em sua “Pedagogia da autonomia” que diz “sou professora a favor da esperança que me anima apesar de tudo”.

E o que me anima mais ainda é fazer isto junto com o pessoal querido do Geografar, no exercício cotidiano da solidariedade.

Gilca, professora da Faculdade de Economia, que divide comigo a coordenação desse grupo, com os pesquisadores que nestes 20 anos construíram o GeografAR: os que passaram e os que partem para o “plano de expansão” – o Simplício se referiu muito bem aí – assumindo o papel de professores na UFRB, UFOB, IFBA, IFBAIANO, IFDF, EFA, UFAL e com órgãos públicos como o INCRA estamos reproduzindo, de forma ampliada, a metodologia construída de uma Geografia pé no chão, Tiago, que, obrigatoriamente, incorpora outras áreas do conhecimento e todas as dimensões da vida.

Com todos vocês divido a honra deste título.

Para finalizar não poderia deixar de falar sobre o contexto em que recebo esta homenagem.

Tempo tão confuso, de ameaça de perdas e retrocessos, tudo muito rápido e a única certeza é da estratégia organizada para desmontar rapidamente as conquistas históricas da classe trabalhadora, e por isto é tão importante nos abraçarmos, para nos sentir mais próximos, na certeza de que encontraremos os rumos da resistência rumos de nossa história.” Vamos aprender com os pescadores artesanais a remar contra a corrente para fazer a pesca desejada. E, Simplício, vamos aprender a resistência cotidiana dos quilombolas e a resistência exemplar de Rio da Rãs, que foi a pioneira em todo o Brasil na sua luta.

(Lê) “E esta certeza não é só porque a roda história não para, mas fundamentada no que vimos aqui e que muito me emociona em falar e em agradecer.

A homenagem que vieram fazer os alunos do Curso de Direito da Turma Eugênio Lira, da UNEB.

Vocês, não só me emocionaram pela disposição em virem para este ato, em assumirem este espaço com tanta delicadeza, firmeza e alegria, mas pelo que este curso remete. Esse curso, quero repetir, foi construído como proposta dos movimentos sociais para qualificar profissionais que dessem conta de atuar na realidade do campo, que se transformou em política pública como PRONERA. Mas também pelo nome da turma, Eugênio Lyra – advogado que trabalhava em defesa dos trabalhadores rurais, assassinado aos 30 anos, em Santa Maria da Vitória, em 1977 – mas cuja memória continua como semente, colhendo frutos maduros (como diz a poesia que ele nos deixou).

Vocês me emocionam também porque posso ter esperança de que a história, como uma construção social, pode nos surpreender, e quem sabe a imprevisibilidade dos fatos possa antecipar o tempo da retomada...

Digo isto pois o aprendizado destas forças populares construída nestes poucos anos em que se respirou um pouco mais de liberdade; anos que foram sempre duros para os movimentos sociais do campo e da cidade, e se não fomos capazes de evitar esta tragédia que ora nos atinge tenho certeza que parte significativa da sociedade está fervendo, está em ebulição, e os que estão indiferentes vão ter que se manifestar quando cair a ficha.

Saberemos resistir aos planos e PECs que estão nos fazendo engolir tão rapidamente. PECs que estão 'picando' nossa Constituição Cidadã, construída com tanta luta e que mal saiu do papel!

Tenho certeza de que a Bahia terá um papel importante na resistência, na retomada das lutas pelo reconhecimento dos direitos sociais e, em especial, dos direitos territoriais do povo brasileiro, fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e mais humana. Até porque não temos alternativa: ou é isto ou estaremos pactuando com a barbárie, que nos devorará a todos. Vamos ter a persistência de não desistir e a alegria, que a vida nos dá, em saber que isto é um acontecer a cada dia, que um dia haverá de explodir uma vida nova, uma nova sociedade. E com a certeza de que eu estarei junto, agora, mais do que nunca, como conterrânea, como baiana.

E, como primeira frase, como baiana oficial, quero dizer, alto e publicamente: Não ao golpe! Fora, Temer!

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Bom, depois da aula, também quero aqui registrar a presença da nossa querida Beth Wagner, que também recebeu o Título de Baiana. E aqui as nossas homenagens são para a maioria esmagadora das mulheres que têm servido à nossa terra, Mãe Estela, as nossas bailarinas Dulce Aquino, Lia Robato. Um deputado um dia me perguntou, quando aproveitei uma brecha para aprovar a homenagem às bailarinas, se eu estava querendo namorar com as bailarinas. (Risos) Mas não é o caso. Lia e Dulce também têm serviços imensos prestados a essa terra, à cultura e à arte.

Registro também a presença de uma grande referência da universidade, que é uma joia, assim como a professora e o reitor João, que é o professor Moraes, (palmas) que também foi professor da minha filha.

Então agora ouviremos uma poesia de Edite Diniz.

A Sr^a EDITE DINIZ:- Senhoras e senhores participantes da diversidade dessa Mesa, queridas e queridos presentes nesta sessão especial, este poema foi um desafio feito por mim, por Denilson e por Aline Nascimento.

(Lê): *“Guiomar Inez Germani: Um exemplo de projeto de vida cidadã. Consciência política. Implica em projeto de vida em atuação.*

Mulher diferenciada na luta, na reflexão, na ação...

Sabe que é preciso desmontar a exclusão em marcha.

Enquanto o projeto de divisão de classes

Que gesta a invisibilização daqueles que com o seu trabalho

Produzem a grandeza do povo desta nação.

Atrevido e questionante olhar sobre si e sobre outros.

E atenta sabedoria de como interferir para mudar criticamente o mundo, o lugar, a localização, seu lugar de atuação.

*Manifesta-se como pessoa vigilante,
Em constante busca de ação coletiva. Ativa!
Contagiante!
Gestante e gestora, juntamente com Gilca, do GeograFAR, sua sensível
partilha, os geografandos!
Seus companheiros em construção, 'Teoriz-Ação'.
E os caminhantes dos movimentos sociais, assessorias, pesquisadores...
visitadores...
Dialogantes nos momentos em que se faz necessário lutar.
Vigiar! Atentar!
Investiga, defende o conhecimento libertário, engajado.
A informação coletivizada, partilhada...
Verdade!
Banho de dura realidade!
“Conhecimento é poder.”
Poder corresponsável que forja as cidadãs, os cidadãos.
Conhecimento como propriedade comunitária de todo humano.
Tem se especializado na luta contra a opressão, a exclusão...
Viajante!
Pé no chão construindo sua reterritorialização, cidadã baiana.
Buscando virtudes: Honestidade!
Autenticidade!
Direitos!
Compreendeu o dever de intervir na construção,
Da Justa democratização.
Como roda de samba raiz, canção!
Libertação!
Descobre, desafia, desvenda, dignifica
Os conflitos existentes nas trincheiras visualizadas, miradas...
Nos trajetos das trilhas da sua vida constante.
Persistente!
Enxerga outros projetos visando à construção de cidadãs/de cidadãos.
Neste momento, inquietados...
Injuriados...
Indignados na contramão...
De um país marcado pela ganância,
Pelas mentiras estruturadas de uma burguesia
Econômica-jurídica-política.*

Oportunista!
Golpista!
Usurpadora de Direitos Civis...
Direitos que deveriam estar resguardados
Pela constituição cidadã.
Acolhe irmanada, abraçada,
As lutas dos povos:
Indígenas,
Quilombolas,
Pescadores,
Fundo e fecho de pastos,
Assentados da reforma agrária,
Acampados...
Atingidos por Barragens, Energia Eólica, Mineração...
Escuta o grito que sai das entranhas, desde os ancestrais, não se constrói
cidadania criando grupos oprimidos, marginais!
Movimentos sociais em lutas espaciais,
Territoriais!
Especiais!
Lutando pelo avanço da consciência coletiva.
Alerta! Atenta! Ativa!
De humanos que não aceitam a sujeição,
Os preconceitos,
A degradação.
Nenhuma forma mais de escravidão...
Reconhece a força dos diferentes,
Dos sobreviventes,
Dos atuantes nos movimentos no campo e do campo.
Que questionam ao dar suas vidas:
- Como se constrói uma cidadã? Como se constrói um cidadão?
Num país em que prevalece o pensamento estruturante,
Arrogante!
Dominante!
Desde que chegou a colonização!
Dedicação à luta pela democratização,
Desafiando a falta de dignidade política.
Degradantes atuações.

Democracia! Participação intensa do povo.

Cidadania! Ninguém é cidadão de papel.

Nos lembram:

-Os povos indígenas nos últimos 500 anos,

Na América Latina, excluídos do “Ser Cidadão”.

-As mulheres, que só depois do pós-guerra, lutam por participação... por representação...

-Os povos africanos e seus descendentes contra o racismo, o preconceito em toda parte do mundo onde há escravidão.

-As trabalhadoras, os trabalhadores, contra qualquer forma de exploração do trabalho;

-As crianças neste momento usadas pelo capital para maior lucro na produção.

Audácia! Ousadia! Inquietação Autonomia!

Mostra que a cidadania é fruto das lutas,

Das conquistas dos movimentos sociais,

Que ao se organizarem no campo e nas cidades,

Num tortuoso, penoso e lento caminhar...

Sobre um espinhoso trajeto de leis estratégicas,

Para desencaminhar...

Amedrontar... capitalizar...

Desviar de onde queremos chegar.

Desobediência civil...!

Temos aprendido a não desistir, a insistir, a achar nosso jeito para seguir.

Resistir! Resistir!

Como árvore de umbuzeiro vivendo com garra, as secas impiedosas do sertão,

Feito raiz de faveleiras, gameleiras que rompem lajedos em busca de água e de alimentação, Como cipó de balaio, Guiomar se entrelaça, dá laço,

Arte, força, adjutório, precisamos levantar os mutirões.

Nasce de Maria Cristina Júlia Paganelli Germani e de Guido Antônio Germani. E com sua garra nos inspira a trazer, para enfeitar e energizar esta sala:

-As indígenas Jurema, Jussara, Maria Tupinambá, Pataxó Kiriri, Kariri, Tuxá, Kaimbé e outras tantas, sua resistência, sapiência, seus torés;

-Da grandeza de Dandara e de Anastácia, a coragem;

-De Luiza Mahin, a sua luta; (palmas)

-A batuta de Chiquinha Gonzaga;

-A presença ancestral e espiritualidade de Mãe Menininha do Gantois;

-De Maria da Penha, que nos faz lembrar de como enfrentamos todo dia a violência, o machismo...

-De Rose, na sua luta de vida e morte por uma terra de roça, farta alimentação;

Saiu de Caçador, Santa Catarina, como andarilha,

Para as terras da Bahia,

Encontrando seu parceiro Luiz Antônio,

E o seu pé no samba de roda, Salvador, sua paragem de ação do agora. Profetização!

Cidadã do mundo, o maior desafio, compromisso, afirmação...

Imaginação!

Ideias dançam inquietas na sua cabeça por ação comprometida e movimentação,

Inspiração! Movimenta-se nos corredores daquela universidade e corre feito maré alta para dizer 'sim' às solicitações,

Inquietada! Os conflitos nos movimentos lhe tiram o chão,

Aceleram seu coração...

Entra em conexão...

Integração! Estudantes, pesquisadores, assessorias, movimentos,

Vive tentando arrebanhar gente,

Basta haver uma solicitação...

Inteira! Está sempre pronta.

Mesmo sabendo que não possui tantas mãos...

Pernas... Cabeça... Seu corpo único, necessário,

Não suporta mais o peso dos problemas em expansão.

Amiga!

Raridade!

Guiomar Inez Germani!

Raras são as amizades e parcerias que nos elevam ao Título de Cidadã.

Nos emocionamos com este momento coletivamente seu.

Politicamente engajada, entrelaçada com os movimentos,"

Emprega sua força de trabalho na simplicidade,

Como agricultora experiente, espera que a semente germine, frutifique, multiplique!

Ninguém avança na luta por cidadania sozinho,

Estamos preparando o caminhar juntos.

Um dia a luz da cidadania vai acender e vai brilhar.

Vamos poder dizer:

Viva o povo que luta!” (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Obrigado, Edite.

Convido a todos a ouvir o Hino da Bahia.

(Execução do hino)

Agradecendo a presença dos deputados, das autoridades civis, das senhoras e dos senhores, da imprensa, declaro encerrada a sessão.

Viva a nossa conterrânea, professora Guiomar Germani!

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.